

Pinel – a mania, o tratamento moral e os inícios da psiquiatria contemporânea

Mário Eduardo Costa Pereira



O famoso quadro “Pinel libertando das correntes os alienados de Bicêtre”, realizado por Charles Muller, retrata de forma épica um dos marcos fundadores da psiquiatria contemporânea: a mudança de atitude ética e clínica da medicina em relação aos indivíduos cujo comportamento desvia de forma acentuada dos padrões de conduta socialmente aceitos.

O episódio ali retratado provavelmente jamais ocorreu enquanto fato histórico concreto. Gladys Swain, em seu livro *Le sujet de la folie* (1997), analisa aquilo que considera “o mito pineliano” para se referir à lenda do famoso gesto liberador de Pinel. A autora demonstra, baseada em ampla pesquisa histórica, que se trata aí da construção imaginária – peça por peça – de um passado heróico e idealizado, a serviço de herdeiros e de eventuais beneficiários do privilégio de serem próximo de um homem célebre.

Sabe-se hoje, por exemplo, e por relato do próprio Pinel, que este não esteve presente, nem atribuiu significação especial aos esforços de seu ajudante, Pussin, por criar em Bicêtre uma técnica hospitalar e de manejo da relação com os pacientes que permitisse libertar os doentes de suas correntes, atitude que viria a constituir a base do “tratamento moral”.

Mesmo assim, o ato de Pinel – ainda que não tenha ocorrido como acontecimento concreto – constitui um marco decisivo do processo sempre questionável e criticável – como lembra Postel (1998, p. 13) – de introdução da loucura no campo médico e de constituir uma postura mais humana de relação com os loucos. Em seu *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale* (1801), Pinel afirma que: “Os alienados, longe de serem culpados a quem se deve punir, são doentes cujo doloroso estado merece toda a consideração devida à humanidade que sofre e para quem se deve buscar pelos meios mais simples restabelecer a razão desviada”.

O tratamento moral fundava-se, pois, na crença de que seria possível introduzir mudanças significativas no comportamento dos doentes por meio de atitudes humanas, mas firmes, da equipe técnica para com aqueles. Termos como “repressão”, “intimidação”, “doçura” e “filantropia” passam a ser encontrados amiúde no vocabulário técnico cotidiano e, em particular, nos próprios textos de Pinel.

A inovação pineliana, contudo, não residia na preocupação humanitária e filantrópica no tratamento dos pacientes. Tal tendência já era nitidamente observável, mesmo antes de Pinel, no contexto europeu, sobretudo com as experiências inglesas, como as de William Tuke, em York, e Haslan, no Hospital de Bethleen, em Londres. O que surge de efetivamente novo sob a influência do grande alienista francês é a associação dessa postura tolerante e humanista, bem ao gosto do espírito do tempo da Revolução Francesa, com o esforço de estudar racional e metodicamente o fenômeno da alienação.

Fortemente influenciado pelo pensamento filosófico de Condillac e pelos avanços das grandes ciências de sua época, como a botânica e a zoologia, Pinel desenvolve um método clínico sistemático para o estudo da alienação mental. Seu fundamento era a observação demorada dos pacientes. O empirismo e o sensualismo estavam, pois, à base de abordagem. Em seguida, tratava-se, como

afirma Pessotti (1994, p. 146), “de ordenar a massa caótica de sintomas que se apresentam ao clínico”. Tal tarefa classificatória era o início da implantação de um processo racional de aproximação do fenômeno estudado, mas não implicava na suposição de que as entidades isoladas correspondiam a doenças biológicas expressas no campo mental. Ao contrário, para Pinel “a loucura é uma doença essencialmente mental” (ibid., p. 156) e suas bases orgânicas são concebidas em uma relação dinâmica com o arcabouço anímico individual.

Correlativamente, como propõe Marcel Gauchet (1997), Hegel seria o primeiro pensador de envergadura a mostrar que a obra de Pinel implica a concepção de que “a loucura não é perda abstrata da razão, mas contradição no seio da razão sempre presente”. Dessa forma, o alienado não estaria integralmente afastado do comércio afetivo e simbólico com os demais humanos, persistindo sempre uma margem de contato com o outro. O tratamento moral proposto por Pinel – posição francamente otimista e positiva que marca os inícios da psiquiatria contemporânea – supõe justamente essa possibilidade de interação efetiva com o louco.

A loucura não se reduzia, pois, aos olhos de Pinel, a um mergulho sem esperança no universo da desrazão. Era preciso concebê-la como expressão das paixões do sujeito e de seus excessos emocionais. Isaías Pessotti lembra que já no prefácio da segunda edição de *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale* (publicada em 1809), “após mencionar a retirada dos grilhões e correntes que prendiam os pacientes em Bicêtre, Pinel escreve: ‘Não se poderia compreender o conceito mesmo de alienação se não se enfoca a causa que mais freqüentemente a provoca, quero dizer, as paixões violentas ou exasperadas pelas contradições’” (Pessotti, 1994, p. 145).

Jacques Postel, *La genèse de la psychiatrie* (1998), fortemente influenciado pela leitura de G. Swain, propõe um contraponto à leitura foucaultiana – a seu ver hegemônica e excessivamente implantada nos espíritos de nosso tempo – desse momento da história da loucura que tem em Pinel seu personagem emblemático. Para ele, a versão sustentada por Foucault enfatiza unilateralmente as dimensões de exercício de poder e de lógica da exclusão e de fazer calar na apropriação médica do campo da loucura. A instituição asilar e a internação hospitalar constituiriam a expressão mesma desse exercício da violência, historicamente legitimado pelo Estado e, posteriormente, pela medicina oficial. Postel, por sua vez, propõe que tal leitura escamoteia a dimensão de reconhecimento da subjetividade e da irredutibilidade do paciente a seus sintomas, já presentes no próprio marco de fundação da psiquiatria. Se é verdade que o hospital serviu para legitimar socialmente práticas violentas de exclusão, não é menos verdadeiro que, sob a perspectiva de Pinel, ele estava a serviço do dispositivo de cura, o qual não seria concebível apenas no plano individual: o

tratamento moral era fundamentalmente uma prática hospitalar grupal e mesmo comunitária.

O presente número da *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental* traz a tradução de alguns trechos selecionados da segunda edição do *Traité*.

O primeiro trecho constitui uma amostra da abordagem clínico-descritiva de Pinel, tomando por referência a “mania” – uma das formas clássicas da alienação mental, ao lado da melancolia, da demência e da idiotia. Pode-se, ali, ter uma amostra da fineza clínica de suas observações, bem como uma visão geral de suas concepções sobre essa entidade. Diferentemente das acepções contemporâneas, o termo “mania” referia-se, no contexto do *Traité*, a uma ampla gama de manifestações clínicas que inclui um delírio generalizado, afetando diferentes “funções do entendimento” (Bercherie, 1991, p.25) e “acompanhado de uma viva excitação”.

No extrato final, encontramos preciosas informações sobre as concepções e sobre a prática de Pinel com o tratamento moral, ficando evidenciadas sua crença nas capacidades mutativas de certas intervenções sobre o paciente, seu rigor com o respeito à dignidade e humanidade do outro, e suas concepções sobre o uso clínico-terapêutico da humanidade, do relacionamento caloroso e da ênfase na responsabilização do sujeito por seus atos e suas conseqüências em seu contato com os outros.

Referências

BERCHERIE, P. *Histoire et structure du savoir psychiatrique – les fondements de la clinique I*. Paris: Ed. Universitaires, 1991.

GAUCHET, M. De Pinel à Freud. In: SWAIN, G. *Le sujet de la folie*. Paris: Calmann-Lévy, 1997. p. 7-57.

PESSOTTI, I. *A loucura e as épocas*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

PINEL, P. *Traité Médico-Philosophique sur l'Aliénation Mentale ou la Manie*. Paris: Richard, Caille e Ravier, 1801.

POSTEL, J. & QUETEL, C. *Nouvelle histoire de la psychiatrie*. Toulouse: Privat, 1983.

POSTEL, J. *La psychiatrie*. Paris: Larousse, 1994. p. 99-111.

_____. *La genèse de la psychiatrie*. Plessis-Robinson, Institut Synthélabo – Collection Les empêcheurs de penser em rond, 1998.

SWAIN, G. *Le sujet de la folie*. Paris: Calmann-Lévy, 1997.